

AS CAUSAS DA VIOLÊNCIA SEGUNDO A VISÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

MONTEIRO, Tamires Alves¹
SARAVALI, Eliane Giachetto²

RESUMO

O artigo apresenta parte de um estudo evolutivo a respeito das idéias de crianças e adolescentes sobre a violência urbana, fundamentado na teoria piagetiana. No presente trabalho são apresentados os dados obtidos a partir do primeiro instrumento metodológico (entrevista clínica) utilizado na pesquisa. Os resultados demonstraram que tanto as crianças como os adolescentes constroem idéias sobre a temática e que essas idéias não são cópias da realidade, mas reconstruções originais do sujeito. Também foi possível evidenciar que, embora o fenômeno da violência esteja tão presente em nossa sociedade, esses sujeitos ainda possuem explicações muito elementares sobre o assunto. Tais dados ressaltam a importância de um trabalho adequado dentro da escola que leve em consideração as idéias que os alunos possuem sobre o mundo social.

PALAVRAS-CHAVE: Violência; Piaget; Conhecimento Social.

¹ Pedagoga formada pela UNESP/ Marília. E-mail: tamimonteiro2@hotmail.com.

² Doutora em Educação pela UNICAMP. Docente do Departamento de Psicologia da Educação da UNESP/ Marília.. E-mail: eliane.saravali@marilia.unesp.br

INTRODUÇÃO

Pesquisar e estudar a respeito da violência é um processo árduo. O termo traz consigo uma série de atributos que acabam ampliando o seu campo de definição. Assim, observa-se que a definição de violência pode variar em decorrência da abordagem teórica, como também do tempo e do lugar.

Inicialmente, os estudos sobre a temática ficaram mais sob a ótica da criminalidade, ou seja, esses trabalhos viam a pobreza como a condição determinante para a criminalidade e, por conseqüência, para o aumento da violência. No entanto, os estudos de ADORNO (1995), VELHO (1996) e LUCINDA *et al.* (1999) demonstram que a desigualdade social e a pobreza não explicam por si só a violência, mas constituem um dos fatores que a ocasionam.

Com as mudanças ocorridas na sociedade, principalmente com a consolidação dos direitos humanos e a tensão provocada pela violência, houve um aumento dos estudos sobre o assunto, com o intuito de discutir e aprofundar a temática, a fim de caracterizar melhor o contexto da violência no Brasil e no mundo, além de se buscar soluções para o problema.

Surgiram então novos paradigmas que ampliaram o conceito de violência, incluindo ações que eram vistas, anteriormente, como rotineiras.

Nesse sentido, a violência deixou de estar vinculada somente à criminalidade, como, por exemplo, o tráfico de drogas, assassinatos, assaltos etc. e passou a estar relacionada a fatores sociais, como o desemprego, a exclusão social, entre outros.

Os estudos sobre a violência, ao longo dos anos, assumiram diferentes maneiras de conceituação do fenômeno, gerando diversas definições e explicações sobre a temática. Nesse sentido, destacamos da literatura existente três grandes abordagens.

A primeira que gostaríamos de abordar é a visão da psicanálise. Para essa escola, a violência é vista como uma condição natural do ser humano, isto é, segundo essa visão há a existência de um instinto geral de agressão no ser humano.

Segundo FREUD (1974) o homem é, por natureza, agressivo e anti-social e para que ele possa conviver com os outros é necessário que ele freie seus instintos violentos, e esse é o papel da sociedade, isto é, educá-lo moralmente para que ele possa tornar-se apto a viver em sociedade, o que Freud denominou de mal estar da civilização.

Outra perspectiva considera que a violência tem suas raízes na aprendizagem. Dessa forma propõe, na perspectiva da teoria da aprendizagem social, que o comportamento agressivo é adquirido por modelação (aprendizagem por observação de modelos) ou por experiência direta e

sob influência de fatores biológicos estruturais. Para SKINNER (1976; 1982), o comportamento violento do homem é modelado na sua história ontogenética e mantido pelas conseqüências reforçadoras que produz.

Já os estudos em sociologia, antropologia, política, história e psicologia social têm focalizado a violência como um fenômeno gerado nos processos sociais, históricos e culturais, afirmando a inadequação de se estudar a violência de forma independente da sociedade que se torna responsável pela sua produção.

Por ser um fenômeno muito complexo e, muitas vezes, difícil de estudar, em decorrência de suas múltiplas causas e amplas definições, a temática da violência requer que as pesquisas sejam muito cuidadosas, já que há necessidade de um entendimento aprofundado sobre o assunto.

Nesse sentido, vemos que ao mesmo tempo em que é preciso considerar seus múltiplos significados e aspectos, também há a necessidade de se fazer um recorte para enfocá-la. Diante disso, nosso estudo conceberá esse fenômeno como uma construção social que se dá por meio de um conjunto de relações e interações entre os sujeitos e o meio social no qual estão inseridos. O que nos interessa aqui é investigar as representações que os sujeitos possuem sobre a violência; como interpretam esse fenômeno social, que relação estabelecem entre esse assunto e outras questões sociais e que

significado dão às questões envolvendo a temática.

Vale ressaltar que, na presente pesquisa³, objetivamos trabalhar a temática da violência a partir da perspectiva interacionista de JEAN PIAGET (1896-1980), considerando os estudos sobre a construção do conhecimento social realizados sob a perspectiva psicogenética.

Piaget, a partir da sua curiosidade em saber como se origina o conhecimento e como o sujeito passa de um estado de menor conhecimento para um mais elaborado, envolveu-se em um mundo repleto de estudos e descobertas. Ao tentar explicar a gênese do conhecimento e sua evolução negou explicações empiristas e inatistas. Assim, para Piaget, a origem e a evolução do conhecimento se dá a partir da interação entre sujeito e meio.

Suas inúmeras pesquisas e publicações retratam o ponto de vista filosófico do postulado da construção. Tal construção ocorre desde o nascimento e é fruto da interação indissociável entre sujeito e o meio (físico e social) que o cerca. Desta forma, o sujeito age sobre o meio e o transforma, assim como também o compreende e o faz existir somente por meio desta ação.

Piaget e seus seguidores (DELVAL 2007, 2002, 1993, 1989, 1988; ENESCO 1996; DENEGRÍ 2005, 2003, 1998, dentre outros) desenvolveram inúmeros estudos que demonstraram que as crianças possuem idéias sobre muitos

³ Financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

aspectos do mundo social, muito antes de serem ensinadas sobre os mesmos. Essas idéias não são simples cópias da realidade, mas reconstruções originais que o sujeito cria na tentativa de entender o mundo em que vive.

Desde o nascimento até sua vida adulta a criança está em constante contato e interação com o mundo que a cerca. Com isto recebe um amontoado de informações que ela assimila e seleciona de acordo com seu nível cognitivo, criando assim suas próprias representações de mundo. Nesse sentido, DELVAL (1993) esclarece que as explicações que as crianças dão sobre o mundo são diferentes das dos adultos por dois motivos. O primeiro é que as experiências das crianças com o mundo social são limitadas, uma vez que elas não participam diretamente de atividades da vida social e também não participam da vida política e econômica. O segundo relaciona-se ao seu nível de desenvolvimento intelectual. Portanto, a falta de experiência e a insuficiência cognitiva são dois aspectos interligados, que explicam as diferenças que existem entre as representações infantis e as representações adultas.

DELVAL (2007) esclarece que ao se tratar do conhecimento social como objeto de conhecimento, estuda-se aquilo que é produzido em um contexto social e que adquire o seu significado no seio das relações com os outros. Esse objeto de conhecimento pode se caracterizar por diferentes

dimensões, tais como: o conhecimento do eu e dos outros (conhecimento psicológico ou pessoal), as relações interpessoais, os papéis sociais, as normas que regulam as condutas dentro do grupo social, o funcionamento e a organização da sociedade (econômico, político etc.).

Podemos notar que grande parte dos estudos a respeito desse tipo de conhecimento demonstra, em seus resultados, traços evolutivos em relação aos diferentes aspectos do conhecimento social pesquisados. DELVAL (2002) organiza esses traços evolutivos em níveis de compreensão do conhecimento social. Assim, de acordo com esse autor, ao longo do desenvolvimento, os sujeitos conceituam a realidade de maneiras diferentes, que indicam formas de se entender e explicar o mundo social. Essas formas diferentes podem ser descritas em três grandes tendências evolutivas ou níveis de compreensão da realidade social.

No primeiro nível, as explicações são baseadas nos aspectos mais visíveis da situação, ou seja, em observáveis que não implicam processos ocultos e que não necessitam ser inferidos. Nesse nível, as relações são vistas como pessoais e os sujeitos não reconhecem a existência de relações propriamente sociais, há ainda a dificuldade em se considerar a existência de conflitos.

O segundo nível caracteriza-se pelo início de consideração de aspectos não visíveis das situações, isto é, o sujeito começa a levar em

conta processos inferidos a partir das informações de que dispõe. Aparece a distinção entre as relações pessoais e as institucionalizadas ou sociais. Os sujeitos desse nível percebem mais claramente os conflitos, “mas não conseguem encontrar soluções satisfatórias pela dificuldade de considerar aceitáveis os diferentes pontos de vista”. (DELVAL, 2002, p. 230).

No terceiro nível, os processos inferenciais ocupam um papel central nas explicações. A percepção dos conflitos é mais complexa e diferentes perspectivas e possibilidades são analisadas. A aplicação das regras sociais ocorre de uma maneira muito mais flexível.

Diante de tais idéias evidenciamos o quanto é importante estudar e conhecer as representações sociais, pois é por meio delas que podemos entender como os indivíduos chegam a construir suas concepções de mundo, isto é, como entendem as relações sociais, as instituições, as regras e normas que vigoram na sociedade, como formam suas ideologias etc. Vale ressaltar que conhecer o processo de formação das representações é de extrema importância para a educação, pois se a escola tem como objetivo que seus alunos formem representações adequadas do mundo em que vivem, os professores necessitam conhecer e partir das idéias que as crianças possuem, caminhando em prol do desenvolvimento do seu aluno.

METODOLOGIA

Participaram desse estudo 40 crianças entre 06 e 15 anos pertencentes a duas escolas públicas: uma localizada no interior do Estado de São Paulo e outra numa cidade da grande São Paulo, sendo 10 sujeitos de 6 anos, 10 sujeitos de 9 anos, 10 sujeitos de 12 anos e 10 sujeitos de 15 anos. Esses sujeitos foram submetidos a três instrumentos metodológicos diferentes: uma entrevista clínica composta por perguntas gerais sobre a violência, uma proposta de desenho em que os sujeitos desenhavam uma pessoa que sofria violência e outra que não sofria violência e a análise de um curta-metragem em forma de desenho animado, contendo cenas de violência.

O primeiro instrumento, apresentado aqui, consistiu numa entrevista clínica que continha dez questões relacionadas à violência. O objetivo desse instrumento era analisar como os sujeitos viam a violência, como também suas causas e soluções. A entrevista era composta da seguinte forma:

- 1 – Em que cidade você mora?
- 2 – O que você acha da cidade onde mora? ⁴
- 3- Tem alguma coisa na sua cidade que você não gosta? O que? Por quê?
- 4 - O que você acha de uma cidade grande?

⁴ As questões 2,3 e 6 foram extraídas de COSTA (2000).

- 5 – Você já ouviu falar de violência?
O que é violência?
- 6 – Quando eu falo a palavra violência qual é a primeira coisa que vem na sua cabeça?
- 7 – Você já viu alguma violência?
- 8 – O que você acha da violência?
- 9 – Por que será que a violência existe?
- 10 – Será que tem um jeito de acabar com ela?

Como este instrumento era composto por diferentes questões optamos por apresentar a análise das entrevistas por meio de uma divisão por eixos temáticos, pois acreditamos que as respostas agrupadas em um eixo temático referem-se a um mesmo tema e, portanto, é o resultado de seu conjunto que irá permitir uma melhor compreensão do raciocínio dos sujeitos. Os eixos temáticos foram assim definidos:

- Primeiro eixo temático – avaliação do lugar onde vivem
- Segundo eixo temático – definição de violência
- Terceiro eixo temático – opinião sobre a violência
- Quarto eixo temático – causas da violência
- Quinto eixo temático – soluções para a violência

Posteriormente, cada eixo temático foi subdividido em categorias de respostas, conforme a análise de conteúdo proposta por BARDIN (1977). No presente

artigo, apresentaremos somente os dados referentes ao quarto eixo temático “causas da violência”.

Vale ressaltar que nas respostas apresentadas pelos sujeitos, em todos os instrumentos, procuramos explorar o máximo os meandros do pensamento, a fim de acompanhar o raciocínio envolvido e conhecer, com maior profundidade, as idéias existentes. Além disso, assim como orienta DELVAL (2002), procuramos encontrar tendências gerais nas diversas idéias apresentadas pelos sujeitos, pois, segundo esse autor, são essas tendências que compoem os níveis de compreensão da realidade social.

RESULTADOS

Após a coleta de dados, as respostas dos sujeitos foram transcritas na íntegra e analisadas quantitativamente e qualitativamente. A partir da análise qualitativa dos dados, as respostas dos sujeitos foram subdivididas em quatro categorias e, posteriormente, essas respostas foram enquadradas em níveis de compreensão da realidade social. Vejamos a seguir.

EIXO TEMÁTICO - Causas da violência

Nesse eixo temático buscamos analisar as idéias que os sujeitos possuíam a respeito das causas da violência. A questão

formulada foi: “Por que será que a violência existe?”.

Categoria 1 – Desconhecem a causa

Nesta categoria estão inseridas as respostas em que os sujeitos não conseguem encontrar uma causa para a violência; como pode ser visto nos exemplos a seguir:

BRY (6;10)⁵ - *E por que será que ela existe? Não sei.*

LIN (9;1) - *E por que será que a violência existe? Ai não sei. Não faz nem idéia? Faz sinal de negativo com a cabeça.*

LET (14;10) - *E por que será que a violência existe? Não sei hein! Nem faço idéia.*

Categoria 2 – Alguém a criou

Os sujeitos dessa categoria afirmam que a violência existe porque alguém a criou, podendo ser o próprio homem ou mesmo Deus.

NAT (6;11) - *E por que será que a violência existe? A violência existe porque alguém inventou ela ou alguém quis fazer ela, criar ela. Como assim? Criar como... Não tem esses mercados que vende droga, então ele que criou, quem vende*

droga que criou a droga.

BRU (12;4) - *E por que será que a violência existe? Porque Deus criou, Ele criou o bem e o mal. O bem para fazer as coisas boas e o mal para matar, roubar, essas coisas.*

DAÍ (15;4) - *E por que será que a violência existe? Eu não sei, também queria entender. Mas eu acho que foi mesmo o homem quem criou. É culpa do homem, tudo é culpa dele, a gente está acabando com o mundo.*

Categoria 3 – Atitudes isoladas e consideradas inadequadas

Nesta categoria foram agrupadas as respostas que consideram que a causa da violência é a existência de atitudes egoístas, individualistas e/ou consideradas inadequadas. Alguns exemplos:

GUS (9;6) - *E por que será que a violência existe? Porque existe bandido na rua. E o que os bandidos fazem? Eles matam as pessoas.*

AMA (12;7) - *E por que será que a violência existe? Eu acho que ela existe porque muitas pessoas ofendem as outras e as*

⁵ Iniciais e idade dos sujeitos em anos e meses.

peças ficam nervosas e vai lá e bate.

VIC (14;2) - *E por que será que a violência existe? Por causa de discussões, tipo eu discuto com você, aí eu não concordo com o que você fala, aí eu vou querer brigar com você.*

Categoria 4 – Outros

Nesta categoria foram incluídas as respostas que não se enquadram nas categorias anteriores e/ou são pouco frequentes.

ACJ (6;7) – *E por que será que a violência existe? Por causa da tristeza. Como assim? O outro não morreu! Aí você pega e chora, aí começa a ter violência.*

EVE (9;11) - *E por que será que a violência existe? Eu acho que a violência existe porque as pessoas têm muito trauma. Como assim? Por exemplo, viu alguma pessoa matando na sua infância. Ai vê um monte de pessoas matando e acha legal. Ou pode ser que na sua infância já viu matar, ou o pai judiava muito dele.*

WES (12;8) - *E por que será que a violência existe? Por causa dos maus pensamentos. Como assim? Se você pensa em*

bater nos outros você vai fazer isso.

FRE (15;8) - *E por que será que a violência existe? Olha eu acho que às vezes o que incentiva são as coisas da TV. Porque assim uma criança que é inocente ela começa a ver briga em jogos de luta, de arma e acaba sendo incentivada.*

Na tabela a seguir encontram-se os dados referentes à quantidade de sujeitos inseridos em cada categoria de resposta.

Tabela I: Distribuição das respostas por categoria e por idade relativa às causas da violência.

CATEGORIA	IDADE				%
	6	9	12	15	
1 – Desconhecem a causa	7	5	7	1	50%
2 – Alguém a criou	2	-	1	1	10%
3 – Atitudes isoladas e consideradas inadequadas	-	4	1	7	30%
4 – Outros	1	1	1	1	10%
TOTAL	10	10	10	10	100%

Em relação às respostas classificadas na categoria 2, podemos notar a presença do artificialismo e finalismo, características do pensamento infantil, apontadas por Piaget. PIAGET (1991) afirma que o artificialismo consiste na tendência que a criança apresenta em acreditar que o seu pensamento, assim como a sua ação, tem o poder de

modificar acontecimentos, ou seja, a "crença que as coisas foram construídas pelo homem ou por uma atividade divina operando do mesmo modo que a fabricação humana" (p. 32). O finalismo se caracteriza pela crença de que há uma razão para tudo, assim "... não há acaso na natureza, porque tudo é 'feito para' os homens e crianças, segundo um plano sábio e estabelecido, no qual o ser humano é o centro." (PIAGET, 1991, p.30). Essas características aparecem em respostas do tipo: "a violência existe porque Deus criou", "porque alguém inventou ela", ou então "porque Deus criou, Ele criou o bem e o mal. O bem para fazer as coisas boas e o mal para matar, roubar."

Observamos também, nesse eixo temático, que para referirem-se às causas da violência alguns sujeitos se valem de suas próprias experiências, ou seja, explicam a existência da violência a partir do que vivenciam e ouvem, ou seja, quando questionados sobre as causas da violência dispõem de respostas semelhantes a estas: "porque tem bandidos na rua" ou "porque as pessoas brigam umas com as outras". Em contrapartida, outros sujeitos já conseguem pensar em um número cada vez maior de características para descrever as causas da violência. Para estes a violência existe devido ao preconceito, porque há pessoas que não sabem respeitar o outro, pessoas que pensam diferentes etc.

Na tabela a seguir encontram-se os dados referentes às respostas dos sujeitos conforme o nível de compreensão da realidade social apresentadas no primeiro instrumento metodológico (entrevista clínica).

Tabela II: Distribuição dos sujeitos por níveis de compreensão da realidade social na entrevista.

NÍVEL	IDADE				%
	6	9	12	15	
I	10	10	9	3	80%
II	-	-	1	4	12,5%
III	-	-	-	3	7,5%
TOTAL	10	10	10	10	100%

A tabela II indica um dado bastante interessante no que se refere à construção do conhecimento social sobre a violência. A maioria dos sujeitos, apesar da idade, ainda se encontra no nível I de compreensão da realidade social, conforme indicado por DEVAL (2002). Isto significa que, mesmo os mais velhos, possuem idéias rudimentares sobre um fenômeno cotidiano, ou seja, têm uma compreensão parcial sobre os diferentes elementos que compõem a violência.

Os demais sujeitos permanecem entre os níveis II e III, sendo que somente 3 sujeitos (mesmo entre os mais velhos) encontram-se no nível III que corresponderia a uma visão mais completa e abrangente do fenômeno.

DISCUSSÃO

Diante do que foi exposto a respeito da análise das categorias de respostas referentes ao eixo temático “causas da violência” podemos tecer algumas reflexões.

A primeira delas diz respeito às diversas respostas apresentadas pelos sujeitos. Por meio delas podemos notar uma evolução sobre a noção de violência, isto é, podemos evidenciar que as respostas de alguns sujeitos centram-se em dados vividos e observados diretamente, a partir de fatos concretos e perceptíveis. Em contrapartida, em outros sujeitos notamos que estas já mostraram-se mais amplas e abstratas, ou seja, possuem uma maior capacidade de coordenar diferentes fatores e de apresentar uma compreensão do fenômeno da violência de forma mais realista e organizada.

Diante disso, podemos notar que há diferenças entre as diversas respostas apresentadas pelos sujeitos, ou seja, podemos afirmar que há uma evolução na noção de violência, como se as respostas estivessem organizadas em três grandes níveis de explicação, conforme foi proposto por DELVAL (2002).

Todavia, podemos observar que embora haja existência de uma evolução, ela não pode ser encontrada em grande parte dos sujeitos. Assim, mesmo com o avanço da idade, podemos notar que os sujeitos dão explicações características de nível I para o fenômeno da violência. No caso

específico dos dados apresentados aqui, apesar da violência fazer parte do nosso cotidiano, os sujeitos não conseguem elaborar idéias sobre suas causas. Como pode ser visto na tabela II a grande parte dos sujeitos enquadram-se no nível I de compreensão do mundo social, ou seja, segundo DELVAL (2002) os sujeitos que pertencem a este nível baseiam suas explicações nos aspectos mais visíveis das situações e não levam em conta “os processos ocultos que devem ser inferidos”. (DELVAL, 2002, p. 223). Nesse sentido, esses sujeitos desconhecem as causas da violência, ou quando as apresentam têm grandes dificuldades em suas explicações e na consideração de diferentes questões sociais envolvidas. Ao serem questionados sobre as causas da violência dispõem de respostas semelhantes a estas: “porque Deus criou, ele criou o bem e o mal”.

Em relação às respostas pertencentes ao nível II de compreensão do mundo social, observamos que os sujeitos deixam de ver o mundo somente pelos aspectos aparentes e passam a notá-lo “não apenas como um mundo de estados, mas também de transformações” (DELVAL, 2002, p. 229). Todavia, apesar das respostas dos sujeitos serem mais elaboradas, ainda se caracterizam por justificativas elementares, que são manifestadas de forma confusa.

As explicações próprias desse nível refletem a grande dificuldade que os sujeitos apresentam para considerar os distintos elementos envolvidos no processo de

compreensão do mundo social. Por esse motivo, as explicações são variadas e mais amplas que a do nível anterior, no entanto, suas justificativas ora retornam a argumentos no nível I, ora buscam uma articulação mais coerente, mas, sem atingir a elaboração própria do nível III, demonstrando assim um período de transição.

É possível evidenciar que os sujeitos classificados nesse nível já conseguem visualizar melhor as questões relacionadas à violência e isto pode ser notado quando esses sujeitos buscam explicações para a origem desta, ou seja, eles já conseguem pensar em outros fatores que podem estar relacionados com as causas da violência, no entanto, ao explicarem suas idéias, seus argumentos ainda são um tanto elementares, demonstrando um período de transição. Para esses sujeitos, por exemplo, a violência existe porque há pessoas ruins no mundo, pessoas que não respeitam a opinião dos outros e arrumam brigas etc.

As respostas enquadradas no nível III de compreensão da realidade social demonstram que os sujeitos, em suas explicações, parecem buscar uma relação entre os fatos observados e as informações que recebem, seja pela mídia, seja no cotidiano de suas vidas, levando em consideração inclusive os aspectos mais abstratos.

Os sujeitos enquadrados nesse nível conseguem notar que as causas para a origem da violência são amplas e muitas vezes eles não conseguem encontrar somente uma,

demonstrando assim o quanto é complexo o entendimento desse fenômeno, algo também presente na literatura sobre a temática.

O presente trabalho ainda teve como um de seus objetivos verificar se as idéias que os sujeitos possuíam sobre a violência se modificavam conforme a idade destes. Diante da análise dos resultados pudemos evidenciar que a idade não é o fator determinante para a evolução dessas idéias, pois se assim o fosse, não teríamos uma grande concentração de sujeitos de 15 anos nos níveis I e II da realidade social.

Nesse sentido, podemos constatar que a grande maioria dos sujeitos concentra-se no nível I de compreensão do mundo social, o que nos leva a seguinte indagação: por que esses sujeitos possuem explicações tão elementares a respeito de um fenômeno social tão presente no seu cotidiano?

Pensamos que isso possa estar relacionado há diversos fatores. O primeiro que gostaríamos de destacar é em relação à dificuldade de se encontrar uma definição para o fenômeno, algo presente na literatura. Como foi apresentado na introdução do presente artigo não há um consenso em relação à definição para a violência em virtude das diversas abordagens teóricas existentes, o que dificulta um maior entendimento a respeito desse fenômeno.

Dessa forma, podemos compreender o porquê de tanto as crianças, como os adolescentes

possuírem explicações tão elementares a respeito de um fenômeno tão presente em nossa sociedade. As obras estudadas nos mostram o quanto à violência como objeto de estudo é recente e, devido a isso, o quanto essa temática necessita ser melhor desenvolvida e aprofundada.

Além disso, também notamos que a falta de um consenso, no que diz respeito a sua definição, dificulta um maior entendimento sobre o assunto. Tal fato também se reflete na maneira como essas idéias são disseminadas fora do âmbito acadêmico, pois é comum ouvirmos as pessoas ao falarem sobre a violência, relacionarem-na somente a agressões físicas, ou seja, idéias pautadas no senso comum.

Dessa forma, notamos que as pessoas ao pensarem sobre o assunto buscam uma associação da violência com a criminalidade, idéia essa próxima às das pesquisas da década de oitenta, como também pensam que a violência sempre é algo que vem do outro, esse outro geralmente se configura na figura do bandido, do drogado, do marginal etc. Fato este também presente nas respostas dos sujeitos participantes da presente pesquisa.

Um segundo fator a ser destacado é o fato de como a violência é vista e reproduzida pela mídia. Frequentemente vemos um amontoado de reportagens, seja pela imprensa escrita e/ou nos telejornais, relatando casos de violência. Ao nos depararmos com os conteúdos dessas notícias podemos evidenciar que a maioria

delas relaciona a violência com atos de criminalidade, isto é, com acontecimentos que envolvem, sobretudo, as agressões físicas, assaltos, mortes etc. Sabemos que a televisão é um meio de fácil acesso e que tanto as crianças, como os adolescentes estão em contato com esse tipo de informação, sendo assim, através desse tipo de notícia esses sujeitos também podem construir idéias sobre essa temática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central do nosso estudo era analisar as idéias que as crianças e adolescentes tinham a respeito da violência. Para tanto, utilizamos como referencial teórico a epistemologia genética de Jean Piaget, que tem como pressuposto básico que todo conhecimento é construído a partir da interação do sujeito com o objeto de conhecimento. Além disso, nos baseamos também nos diversos estudos realizados a respeito da construção do conhecimento social sob a ótica do construtivismo.

As informações que os sujeitos recebem constituem um importante fator que contribui para evolução e elaboração de suas idéias. No entanto, vale ressaltar que todos os progressos evolutivos em relação à noção de violência não são determinados unicamente pelo acesso a uma maior quantidade de informações que o sujeito recebe, conforme avança em seu desenvolvimento, mas deve-se ao fato de como essas informações vão

sendo incorporadas pelo sujeito e como ele vai dando significado a elas.

De maneira geral, podemos observar, com os dados apresentados, que os sujeitos constroem representações sobre o mundo social e, apesar dessas noções estarem vinculadas com as informações que eles recebem do meio que estão inseridos, muitas vezes da própria escola, essas idéias não consistem em meras cópias do que aprendem, mas são reformulações realizadas pelos sujeitos, constituindo-se em construções próprias destes.

Durante seu desenvolvimento o indivíduo reelabora o que lhe é transmitido e extrai de suas experiências aquilo que seu nível de compreensão possibilita assimilar. Nesse sentido, as idéias sobre o mundo social vão se modificando e complexificando através da construção de novos conhecimentos.

Conforme foi relatado nas discussões do presente artigo podemos observar que apesar de termos encontrado uma evolução nas noções a respeito da violência, ela não pode ser evidenciada em grande parte dos sujeitos. Acreditamos que tal fato possa também estar relacionado aos poucos projetos, principalmente por parte da escola, que tenham como objetivo a discussão e a reflexão sobre a violência.

Frequentemente ouvimos falar em educação para paz, no entanto, como podemos pensar em uma educação para paz se as nossas

crianças não têm uma clara noção sobre o que é paz, conforme foi evidenciado no trabalho de DELVAL *et al* (1992), e sobre o que é violência, conforme observamos aqui. Uma educação para paz só faz sentido quando nós sabemos o que as crianças e adolescentes pensam sobre essas questões, como pensam questões envolvendo a violência, como interpretam esses assuntos.

Além disso, pudemos notar através da literatura sobre a temática que a violência é um fenômeno que vem sendo construído socialmente e que embora ele esteja fortemente presente em nossa sociedade, pode e deve ser transformado. Para que isso aconteça vários fatores precisam ser considerados, tais como, as políticas públicas, o trabalho de formação de pessoas, principalmente por parte da escola etc. No caso da escola, esse tema necessita ser explorado e, principalmente, vinculado ao projeto político-pedagógico da instituição, para que assim possa ser melhor trabalhado.

Sabemos que somente esclarecer o tema com os alunos não é suficiente para minimizar e/ou erradicar a violência; há a necessidade de se modificar diversas outras questões de ordem social e política. No entanto, pensamos que tal atitude, por parte da escola, ajudaria no sentido de prevenção, de denúncia da violência, de busca por tratamentos adequados tanto para as vítimas quanto para os agressores, mas, acima de tudo, de reflexão sobre o tema em prol de um melhor exercício de cidadania. Diante dessas

idéias ficam as seguintes questões: Como a instituição escolar lida com a violência? Quais são as estratégias que a escola utiliza para lidar com esse problema?

A escola por ser um ambiente que tem como uma das suas funções preparar as crianças para a vida em sociedade e auxiliar que elas se adaptem da melhor forma ao mundo, não pode desconsiderar esses dados tão relevantes. Devemos sempre ter em mente que é o sujeito o principal e único responsável pela construção do seu conhecimento. E, ao assumirmos tal postura, as ações didáticas devem ser modificadas, pois não basta que o professor conheça muito bem determinado assunto, mas o mais importante é muito importante para os conteúdos de ordem social, dentre eles a violência.

que ele conheça a maneira como determinado conteúdo é construído pelo seu aluno.

Para que haja a construção de um determinado conhecimento é importante que a escola leve em consideração o processo de desenvolvimento da criança, para que assim possa planejar atividades em que ela seja o sujeito ativo de sua aprendizagem. Tal aprendizagem deve acontecer a partir de questões que as próprias crianças se colocam, a fim de que a apropriação das diversas informações que ela recebe da escola possa resultar de um processo de construção, o qual está ligado aos interesses e necessidades da criança. Conforme vimos aqui, isso é

Referências Bibliográficas

- ADORNO**, S. *A violência na sociedade Brasileira: um painel inconcluso em uma democracia não consolidada*. Revista Sociedade e Estado. V. 10, 2, p. 299-342, 1995.
- BARDIN**, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977. 225p.
- COSTA**, M. R. *A representação da violência em crianças escolarizadas de periferia urbana*. In: **ARRIETA**, G. A.; **GROLI**, D.; **POLENZ**, T. (org.). *A violência na escola: a violência na contemporaneidade e seus reflexos na escola*. Canoas: Editora ULBRA, 2000.
- DELVAL**, J. *La construcción espontánea de las nociones sociales y su enseñanza*. In: **HUARTE**, F. (comps). *El mundo social em la mente del niño*. Madrid: Alianza, 1988.
- . *La representación infantil del mundo social* In: **TURIEL**, E.; **ENESCO**, L. y **LINAZA**, J. (compos). *El mundo social em la mente del niño*. Madrid: Alianza, 1989.

- ___ . La construcción del conocimiento social. In: Primer Encuentro Educar. 1993 (mimeo).
- ___ . *Introdução à prática do método clínico: descobrindo o pensamento da criança*. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- ___ . *Aspectos de la construcción del conocimiento sobre la sociedad*. Rev. Investigación Psicología (online), jun. 2007, vol. 10, n.º. 1, p. 9-48. ISSN 1609-7475. .
- DELVAL, J.;** **DEL BARRIO, C.** *Las ideas de los niños acerca de la guerra y la paz*. In: **MARTIN, M. F.;** **BURILLO, J.F.** (Coord.). *La guerra: Realidade y alternativas*. Madrid: Edilialial Complutence, 1992
- DENEGRI, M. A.** *A construção do conhecimento social na infância e a representação de pobreza e desigualdade social: desafios para a ação educativa*. In: Encontro Nacional de Professores do PROEPRE: A criança e a escola. Campinas: UNICAMP/FE/LPG, p. 43-54, 1998.
- ___ . *O desenvolvimento de conceitos econômicos na infância. Estudo avaliativo com crianças e adolescentes chilenos*. FONDECYT, Santiago, 2003.
- ___ . *et al. Socialização econômica em famílias chilenas de classe média: educando cidadãos ou consumidores?* Psicologia Social (online), vol. 17, n.2, p. 88-98. ISSN 0102-7182. 2005.
- ENESCO, I.** *A representação do mundo social na infância*. In: Encontro Nacional de Professores do PROEPRE, 12. 1996, Águas de Lindóia: Construtivismo e Educação. Campinas: FE/ UNICAMP, 1996. p. 109 – 122.
- FREUD, S.** *O mal-estar na civilização*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: 1974.
- LUCINDA, M. C et al.** *Escola e Violência*. Rio de Janeiro: DP&A., 1999.
- PIAGET, J.** *Seis estudos de Psicologia*. Tradução: Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva, 18ª edição, Rio de Janeiro, RJ, Forense Universitária, 1991.
- SKINNER, B. F.** *Ciência e comportamento humano*. Tradução de João C. Todorov e Rodolpho Azzi. São Paulo: Edart, 1976.
- ___ . *Sobre o behaviorismo*. Tradução de Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Cultrix-Edusp, 1982.
- VELHO, G.** *Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica*. In: **VELHO, G. & ALVITO, M.** *Cidadania e Violência*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/FGV, p .10-24, 1996.